



A negação do espaço urbano: a imagem de morar nos periódicos de arquitetura no Brasil

Denial of urban space: the image of living in the journals of architecture in Brazil

Rafael Alves Pinto Junior*

* Arquiteto, mestre em Cultura Visual e Doutor em História pela UFG. Professor do IF GO. Este artigo é resultante da Tese de Doutorado: Casas de Sonho – a Cultura de morar no Brasil nas páginas de Casa e Jardim, Casa Cláudia e Arquitetura & Construção. Vem trabalhando desde 2011 com pesquisa na área da imagem e arquitetura.

Resumo

Imersas no universo da Indústria Cultural, as revistas dedicadas à divulgação da arquitetura residencial para o grande público no Brasil criaram modelos ideais de morar. Estes modelos constituíram-se em práticas discursivas capazes de constituírem práticas sociais. Mais que conceitos, construíram todo um imaginário ligado ao morar onde morar bem significou morar junto ao mundo natural. Somente separado das dificuldades dos espaços urbanos – mas evidentemente ligados a eles – o habitar poderia encontrar sua máxima realização.

Palavras-chave: Representação. Imaginário. Arquitetura e imprensa.

Abstract

Immersed in the world of Cultural Industry, the magazine dedicated to the dissemination of residential architecture for the general public in Brazil created ideal of living models. These models were constituted in discursive practices that constitute social practices. More than concepts, they built a whole imaginary connected to live where to live well meant living with the natural world. Only separate the difficulties of urban spaces - but evidently attached to them - dwelling could find their ultimate fulfillment.

Keywords: Representation. Imagery. Architecture and media.

Como deveria ser a casa dos sonhos de muitos brasileiros? Qual forma deveria ter? Onde poderia ser construída? Um chalé cercado de verde onde se podia ouvir os pássaros, cultivar as próprias hortaliças e aproveitar o tempo junto à natureza; uma casa na praia em contato com o infinito do firmamento refletido no espelho das águas do oceano; ou na cidade, uma casa neoclássica, normanda, ou tailandesa, protegida dos malefícios e das agruras do espaço urbano, em contato com a família e com os amigos? Moderna ou rústica? Futurística, controlada por computadores ou antiga, sem energia elétrica? Uma simpática casa pré-fabricada simplesmente colocada ao lado de um riacho ou uma imponente casa senhorial, como “aquelas de cinema”?¹

Este questionamento da Diretora de Redação de *Arquitetura & Construção* em meados da década de 1990 praticamente resume as diretrizes de todas as publicações dedicadas a divulgar a arqui-

tetura ao público leigo. As revistas disponibilizavam diversos estilos, modos de viver no espaço e maneiras de se relacionar com ele: aos leitores, a inspiração além da informação que os motivava a abrir as páginas. Com isto, fizeram mais. Mostraram não apenas como se vivia – ou se pretendia viver – dentro das casas, mas o que elas mesmas eram: o interior das paredes, de que maneira sustentavam suas coberturas, como a água saía impecavelmente das torneiras, quais tramas urdiam os segredos de suas estruturas. Mostraram como era a própria memória das casas quando elas eram apenas um vago pensamento. Depois o projeto e as tentativas de organizar o pensamento e depois ainda o início da obra, nada mais que um traçado de linhas arranhando a Terra. Investidas pelo princípio do prazer que é da ordem do simbólico, as imagens das revistas propuseram-se à realidade dos leitores. Acesas pela corrente vital chamada desejo, encadearam-se mediante os sentidos que procuraram representar

1. MULLER, E. Como é a casa dos seus sonhos. Editorial. *Arquitetura & Construção*. São Paulo, ano 10, n. 7, p. 5 jul. 1994.

As imagens do bem morar

Desde o surgimento de *Casa e Jardim* na década de 1950, seguida por *Casa Cláudia* e finalmente *Arquitetura & Construção*, o que nos é narrado é a totalidade de um ideal doméstico. Na elaboração deste ideal, seus produtores se esforçaram para acompanhar as necessidades e confortos da indústria da construção civil; cultivar e estimular o consumo de produtos, móveis, objetos e eletrodomésticos na constelação do espaço da casa; divulgar e tutelar o gosto dos leitores como instrumento de distinção e construtor de identidades; seguir as alterações da família e as mudanças nos valores das sociabilidades do espaço privado e veicular ideais de moradia.

Identificamos como principal imagem de morar, comum a todos os periódicos dedicados à arquitetura voltados ao grande público, a representação junto à natureza. A própria *Casa e Jardim* que nascera sob o signo da modernidade arquitetônica, mostrava-se desde sua origem, cônica de que grande parte da população das grandes cidades não era dela mesma.² E como imigrantes, sabiam que a verdadeira alegria estava no campo. Lá, tudo era sossego: a vida, natural, mais saudável e mais livre que a que se levava nos amontoados de pedras nomeadas de cidades.³ Deslocados nos espaços urbanos, muitos suspiravam de saudades pela vida no campo.

Tanto a extensão ou o tratamento visual dado na Seção intitulada “Saudade pela casa do campo”, publicada no número 3 em 1953, sugerem que o assunto era valioso. Criaram uma composição visual que seria referência para grande parte das páginas com imagens de exteriores da arquitetura daí em diante: página inteira ou com grande destaque entre o edifício e o fundo paisagístico, pouca ou nenhuma figura humana e pouco texto.

Apesar disto, a revista não se esqueceu de que estava inserida num contexto de produção arquitetônica modernista. Diante desta produção baseada no concreto e vidro, a revista estava convicta de que “o amor à simplicidade rústica, ao teto bem construído da casa campestre, não se extinguirá jamais!”.⁴ Lembrando que “contra o amor não cresceu erva”,⁵ a revista lançou as bases de uma representação altamente idealizada e sentimental do modo de morar no campo, inaugurando uma relação que permaneceria inalterada ao longo de toda a sua existência. Uma posição que influenciaria enormemente todas as outras publicações depois dela, visto que nesta relação com o campo, a posição do leitor urbano foi construída sobre os alicerces desta idealização.

Esta semente havia caído em terras férteis, como identificamos em composições temáticas como a intitulada “Assim gostaria de morar”, veiculada na década de 1960.⁶ uma moradia seria ideal se situada no meio da natureza, junto a um jardim repleto de flores e um pomar pleno frutos. Uma

2. Saudade pela casa de campo. *Casa e Jardim*, São Paulo, n. 3, p.10-17, set. 1953.

3. Idem, p. 10.

4. Saudade pela casa de campo. *Casa e Jardim*, São Paulo, n. 3, p.17, set. 1953.

5. Idem, p. 17.

6. Assim gostaria de morar. *Casa e Jardim*, São Paulo, n. 65, p.23, jul. 1960.

das maneiras de se pensar e representar a natureza a que se refere Lenoble (1990, p. 21) e onde a casa aparece representada na sua dimensão afetiva, condutora de sonhos. A morada natal e ideal irrealizável como a identificada por Bachelard. (2003, p. 23-54)

Com representações como estas, a revista iniciou uma experiência de delimitação entre exterioridade e interioridade que ainda não havia sido feita anteriormente, a partir da qual se (re) estabeleceram antigas dualidades como aquelas entre o público e o privado, o coletivo e o individual, modernidade e tradição, casa e rua, a cidade e o campo. Uma base de imagens que comandam todos os pensamentos do positivo e do negativo, uma geometria que queiramos ou não polarizou estes conceitos, fazendo passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do ali. Uma dialética que, como lembrou Bachelard (2003, p. 216), atribui a esses pobres advérbios de lugares poderes de determinação ontológica mal controlada: um exercício de visão filtrado pela lente da subjetividade. Do interior do espaço doméstico, o leitor via o que estava além do espaço urbano: a saudade do campo, um sentimento com raízes profundas no imaginário ocidental conforme demonstrado tanto por Thomas (1989) quanto por Williams (1989) e Corbin (1989). À sua maneira, as revistas se posicionaram ao lado de uma das maneiras de se ver o campo ou o sertão, uma categoria profundamente arraigada na cultura brasileira: o “bom

sertão”. Mito entendido como espaço constitutivo da identidade nacional. Destituído de qualquer territorialidade e temporalidade, o sertão lançou suas raízes no imaginário da comunidade nacional e da identidade individual e coletiva, tanto no senso comum quanto no pensamento social brasileiro, conforme já observou Alencar (2000, p. 244-245).

Firmando-se pela ausência ao não aparecer nos objetivos declarados das revistas dedicadas ao espaço de morar, o imaginário de morar junto à natureza prosperou. Principalmente por duas razões: ao se associar a um estilo de vida e a uma cultura de morar a ele associado e ao oferecer um contraponto às atribuições do cenário urbano das principais cidades do país: um cenário conturbado e pintado sempre com cores escuras e dramáticas se tornou um dos principais combustíveis deste mercado. Se o espaço urbano é uma desgraça, o bom seria ficar livre dela. Se isto não for possível, como estratégia de sobrevivência, deve-se evitá-la e neutralizá-la o mais possível. Por contraste, quanto mais danosa e malévola fosse a imagem da cidade, mais doces, reconfortantes e urgentes seriam as imagens fora dela. Não por acaso, o conjunto de publicações que selecionamos é responsável pela credibilidade dos recorrentes convites a uma vida melhor, idílica e paradisíaca junto a uma natureza (re)confortante: campo de forças colocados de tal maneira que faz brotar e florescer um mundo de sonho.

Para *Casa e Jardim*, por exemplo, desde o final do século XX os brasileiros estavam cada vez mais conscientes do que era morar bem, dedicando um esforço crescente e uma fatia cada vez mais gorda do orçamento para construir a casa dos seus sonhos.⁷ Para estes interessados, a revista disponibilizou edições especiais da revista *Projetos & Fachadas* inteiramente repleta de cuidadosas fotografias de amplas edificações acompanhadas de plantas detalhadas em papel milimetrado para facilitar a visualização da escala.

Nestas edições especiais, conforme nos exemplos dos números 315 e 387 em 1981 e 1987 respectivamente, praticamente não há casas urbanas. O predomínio das casas de praia, de montanha ou de campo é absoluto, com amplos espaços, muita vegetação em jardins bem cuidados, confortos da vida moderna nos interiores e amplos horizontes do lado de fora.

Para os que não podiam construir uma casa na praia, ou se refugiar numa casa na montanha, *Casa e Jardim* oferecia uma solução: áreas de lazer. Edições especiais como *Projetos & Fachadas* haviam sido um sucesso, e a revista investiu nestes desdobramentos. Nascia um conceito no mercado de periódicos: sua casa, a melhor área de lazer. Piscinas, varandas, bares, salas de som, TV e vídeo, lareiras, adegas, quiosques, adegas, edículas e churrasqueiras inteiramente voltados ao lazer dos proprietários.

Como *Casa e Jardim*, *Casa Cláudia* também entendia que o espaço residencial deveria incluir o lazer de seus usuários. Como podemos identificar, geralmente nas edições veiculadas no início de cada ano, a vida melhor era ao ar livre. Com fotografias bem cuidadas em cuidadosas composições temáticas em capas chamativas, o que fica evidente é o desejo de representar a casa como um refúgio em meio às atribulações da cidade, e caso não fosse possível viajar para a praia ou para o campo, a casa deveria oferecer as melhores condições possíveis de repouso e lazer.

Este desejo de refúgio encontrou na realização de condomínios residenciais a partir da década de 1980 e 1990 uma oportunidade de afirmação.⁸ Com o intuito de fugir dos problemas causados pelas pressões do cotidiano das cidades, muitos - sobretudo os de renda mais alta - procuraram morar o mais distante possível dos centros urbanos. Com os condomínios, vendia-se um es-

7. Editorial. *Casa & Jardim*, Rio de Janeiro, n. 416, p. 5, set. 1989.

8. Como observou Nestor Goulart Reis, os condomínios residenciais urbanos ofereciam um modelo de espaço urbano até então desconhecido: associação entre espaços privados e coletivos acessíveis, proposta de resgate da qualidade de vida comprometida pelo desordenado crescimento urbano, atendimento simultâneo de finalidades múltiplas como residências, comércios e serviços. In: REIS, Nestor Goulart. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

Figura 1 - *Projetos & Fachadas* ed. especial de *Casa e Jardim*, n. 315, capa, mar. 1981/ n. 387, capa, mai. 1987. Fonte: Biblioteca FAU/PUC GO.



9. Representavam o que Bauman identificou como a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora. Em suas palavras: É o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio. Pois a utopia da harmonia se reduziu, realisticamente, ao tamanho da vizinhança mais próxima. Por isso, a “comunidade” é um bom argumento de venda (2001, p. 108).

10. Vendendo uma imagem de prestígio, segurança e amparados por uma legislação específica, os condomínios – ou “enclaves fortificados” como denominou Caldeira (2000) – rapidamente prosperaram em todo o Brasil a partir da década de 1970, primeiramente nas áreas metropolitanas e depois avançando nas cidades de menor porte.

11. MEDINA, E.; TEIXEIRA, C. Paraíso compartilhado. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, Abril, ano 15, n. 10, p.42-51, out. 1999.

12. MEDINA, E.; TEIXEIRA, C. Paraíso compartilhado. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, Abril, ano 15, n. 10, p.42-51, out. 1999.

13. Gislene Silva (2009, p. 28-29) identificou um fenômeno semelhante no consumo de publicações como *Globo Rural*, publicada pelas Organizações Globo a partir de 1985. Para ela, reflexo de três pontos de interesse para estes leitores urbanos: no presente, a crítica profunda ao modelo de vida urbana nas metrópoles; o olhar saudosista em relação ao passado rural, vivido ou idealizado, e o olhar dirigido ao futuro, imaginado melhor fora da cidade, longe da violência, do trânsito congestionado e em contato direto com o mundo natural.

tilo de vida mais saudável, em contato com a natureza, com a família e os amigos.⁹ Dotados de serviços e estrutura sem defeitos, colocavam-se diametralmente opostos aos disponíveis para a grande maioria da população. Do lado de fora ficavam – ou deveriam ficar – a insegurança, a impessoalidade e o medo que o espaço urbano representava como uma ameaça sempre renovada.¹⁰ Do lado de dentro, a realidade de um paraíso compartilhado entre iguais.¹¹

O fardo do espaço urbano

Mas, se as representações da vida em condomínio correspondiam a uma vida urbana próspera, livre e feliz – e as revistas se esforçavam para mostrar como isto era possível¹² – havia uma maneira ainda melhor de morar: morar no campo, na praia ou na montanha. Se morar na cidade podia ser bom, morar fora dela seria ainda melhor.

Para as publicações periódicas veiculadoras da cultura de morar no Brasil, a casa de veraneio, de temporada ou de férias sempre foi um representativo objeto de desejo. Como criação histórica, a casa de férias e lazer longe das cidades tornou-se, principalmente a partir da década de 1980, o centro de elaboração de novos valores. Representou um ponto de partida para a valorização de uma maneira de morar absolutamente distinta: a superação da cidade.¹³ Como fato ou fatalidade, as cidades não deveriam – ou não poderiam – deixar de existir. Mas diante de uma existência

conturbada por pressões cada vez maiores, atribulações e dificuldades, ela poderia ser deixada para trás. Não abandonada, mas sobrepujada. Só ficavam nas cidades as pessoas que estavam “condenadas” a ela ou dela dependiam em algum aspecto, como, por exemplo, os jovens para os estudos ou os trabalhadores. Para os sábios, os mais abastados ou para as almas mais sensíveis, somente distante do espaço urbano era possível entrar em contato com os elementos e com as múltiplas buscas articuladas que manifestavam a complexidade do desejo.

Como modelos de superação, nas representações deste estilo de vida não estava em questão se, nas cidades, a vida era feliz ou infeliz. Podia-se viver bem em qualquer lugar e não fazia sentido dividir espaços ou cidades nestas duas categorias, mas em outras duas, como poeticamente observou Calvino (1990, p.14): aquelas que davam forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguiam cancelar a cidade ou eram por ela cancelados. Uma divisão rapidamente entendida pelos editores deste tipo de periódicos: a cidade estava cancelada pelos desejos de seus leitores. E este “negativo” da cidade é bastante revelador, testemunhando um aspecto do jogo social: qualquer que seja o pólo dialético em que o leitor se coloque – a cidade ou o campo – a dialética se dinamiza. Uma postura que desencadeia uma relação imaginária muito forte e onde a cidade e o campo não são simplesmente espaços opostos. São devaneios opostos que

concentram valores de bem e mal, razão e sensibilidade, esforço e relaxamento. Imagens como estas são, como observou Bachelard (2003, p. 50), lenda e lembrança ao mesmo tempo, têm sempre um fundo onírico insondável e é sobre este fundo que o passado pessoal coloca suas cores particulares.

Este posicionamento vai muito além do entendimento do lazer¹⁴ ou da temporada de férias normalmente associado a um ou a dois meses no ano. Trata-se de algo mais profundo, e as engrenagens deste mecanismo são conhecidas. Aqui, não vamos avançar nos domínios da psicanálise, basta-nos lembrar que os editores das revistas entendiam muito bem que uma imagem sempre depende do olhar de quem as contempla,¹⁵ compreendida que está entre o imaginário do espelho, o simbólico da perspectiva e o real da topologia. Pode, portanto, operar de maneira inversa. Nas páginas dos periódicos em que selecionamos esta imagem, aparece, como uma eloquente negação, a ausência colocada em resposta às inquietações, desejos, medos e aspirações de uma parte de seus habitantes. Como analisado por Pesavento (1999, p. 158), sobretudo significa que a cidade é formulada como um problema, pensada e expressa como discursos e imagens: um dos alicerces do mercado de periódicos. Ainda que tal formulação implique predomínio do simbólico sobre o real, ou da representação sobre seu referente.

Conhecida em abundante e sólida bibliografia já são (re)significações do campo em relação à cidade e em como elas implicaram em uma visão idílica do passado rural e do modo de vida “mais simples” junto à natureza. O mundo rural mostrava-se em outra face: o que era ruim passava a ser bom, cristalizando-se em torno de uma imagem que se vê então reconhecida, conquistando um lugar distintivo e uma espécie de segurança de vida.¹⁶ Como medida de felicidade, estar no campo e ter que regressar à cidade – qualquer cidade – significava ser invadido pela tristeza. O mesmo sentimento do personagem Marcovaldo de Calvino (1994): voltar para a charneca de telhados indistintos, para as ruas anônimas infestadas de desconhecidos e para as misérias da existência. Nesse sentido, as publicações dedicadas à cultura de morar são exemplares casos de análise.

As representações deste modo de vida estão presentes em praticamente todos os números de *Arquitetura & Construção*, principalmente a partir da década de 1990. As páginas representam sempre a realização de um sonho e a construção de um lugar ideal para se viver. Na edição de outubro de 1994, por exemplo, a revista destacou a casa construída pelo casal Chu Ming e Clóvis Silveira num lugar privilegiadamente inacessível.¹⁷ Em abril de 1996, a atenção era uma econômica cabana na montanha onde os pais podiam oferecer aos filhos um contraponto à vida da cidade. Lá podia-se perceber que as noites eram sim, escuras, num modo de viver em

14. Lazer compreendido como o conceituado por Dumazedier (1994, 2001), Bacal (1988) e Mafesoli (2001), em linhas gerais, uma atividade não redutível ao tempo liberado pelas atividades econômicas e sociais, mas como um conjunto de ocupações às quais o sujeito se entrega de livre vontade, para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

15. Conforme acertadamente observou Antônio Quinet (2004).

16. Como afirmou Certeau (2008, p. 1940).

17. WENZEL, Maria C. A casa dos Bons fluidos. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 10, p.34-43, out. 1994.



Figura 2- Arquitetura & Construção, abr. 1999, capa/ jan. 2000/ jun. 2000, capa. Fonte: Biblioteca FAU/ PUC GO.

Para reforçar este conteúdo visual, a publicação criou um espaço textual dedicado ao relato de experiências. Reservada à última página da revista, nascia a seção Depoimento. Por ela, passaram as mais diversas personalidades contando suas experiências relacionadas com a construção de suas residências.²⁴ Mediante o vocabulário na primeira pessoa, esta seção tornou a experiência confiável, atribuindo-lhe uma profundidade até então ignorada. Nestes relatos, o fio condutor é sempre o mesmo: a concretização de um sonho de uma vida o mais longe da cidade possível. O empresário Antônio Chiquetta, por exemplo, contou em seu depoimento à revista em 1993 que desde 1988 havia decidido com a família construir uma casa a cerca de 60 km da capital paulista. Afinal, já era tempo de passar os fins de semana mais próximo da natureza.²⁵ Para escapar da turbulenta vida em São Paulo, o locutor esportivo Osmar Santos também havia decidido construir uma casa onde pudesse levar uma vida mais tranquila, perto do mar de Guarujá.²⁶ O mesmo desejo que moveu a cantora Wanderlea a comprar um sítio e a dividir seu tempo entre a vida de trabalho na cidade e a tranquilidade de uma propriedade afastada da cidade: solução para quem sentia falta de ver o horizonte, de viver perto da natureza e de mexer com a terra.²⁷

Devido ao tratamento em separado, depoimentos como estes não são irrelevantes, mostravam que as pessoas famosas passavam pelas mesmas angústias que os consumidores destes periódicos. Mas o destaque estava reservado às experiências

18. TEIXEIRA, C. Uma cabana na montanha. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 12, n. 4, p.58, abr. 1996.
 19. BARRERO, V. Eles levaram 9 anos para fazer a casa. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 14, n. 1, p.46, jan. 1998.
 20. O título passou a ser enquadrado dentro de um retângulo colorido e não mais solto, como anteriormente havia sido concebido.
 21. TEIXEIRA, C. Porção para dois: 74 m2 na praia. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 15, n. 4, p. 70-79, abr. 1999.
 22. MEDINA, E. Pequenos espaços, grandes ideias. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 16, n. 1, p. 31-51, jan. 2000.
 23. MEDINA, E. O dono deste chalé gastou R\$60 mil. *Ar-*

quitetura & Construção, São Paulo, ano 16, n. 6, p. 94-101, jun. 2000.
 24. Em geral, a experiência de construir, apesar de não estar classificada entre as mais fáceis, estava classificada entre as mais gratificantes. Estes depoimentos reiteravam a posição histórica das revistas: instruir os leitores, esclarecer as dúvidas e orientar as decisões. Para a jornalista Victoria Murat, por exemplo, era uma experiência gratificante, resultado de muito trabalho e uma boa dose de sorte em que o olho do dono era fundamental. Além disto, era fundamental ter disposição para experimentar coisas diferentes para que o sonho se tornasse realidade (MURAT, V. Numa obra, o que vale é o olho vi-

contato com os elementos.¹⁸ Na edição de janeiro de 1998, outro exemplo de conquista: depois de nove anos de obras uma família conseguia trocar o asfalto pela vida natural.¹⁹ Como a revista mostrava, mediante o esforço, era sim possível trocar o barulho das buzinas dos engarrafamentos pelo trinado dos pássaros e pelo murmúrio do riacho. Não era fácil, mas era possível.

Em 1999, com a capa ligeiramente reformulada,²⁰ chamou a atenção para a conquista de um jovem casal, que, com a ajuda dos amigos, transformou uma casa de caseiro num acolhedor refúgio para dois.²¹ Em janeiro do ano seguinte, destacou a possibilidade de que mesmo os solteiros ou os que possuíam uma família pequena podiam realizar o sonho de ter uma casa na praia.²² Na edição de junho, a realização de outro sonho: construído em parceria com amigos e colegas, um chalé na serra²³, longe da cidade e em total harmonia com a paisagem.

gilante do dono. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 7, p. 114, jul. 1994). Leitora contumaz da revista, a advogada Renata Di Pierro dizia-se segura com as informações proporcionadas pela revista, desde o aspecto estético, aprendendo a entender e a desenvolver um gosto mais apurado para as soluções arquitetônicas, até a parte prática, de execução da obra. E isto a habilitava a acompanhar a obra com segurança (DI PIERRO, Renata S. Reformar e construir: um prazer especial. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 1, p. 114, jan. 1994). Igualmente, a jornalista e apresentadora de TV Silvia Poppovic acompanhava as obras com entusiasmo. Para ela, as reformas eram um caminho para que se pudessem reciclar as próprias ideias (POPPOVIC, S. Coragem para experimentar o novo. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 9, n. 10, p. 114, out. 1993). Este interesse pela arquitetura parece ser o combustível que mantinha os proprietários interessados no dia a dia da construção. Ao menos é o que se percebe na atuação da Sra. Sabine Medaglia à condução das obras de sua casa (MEDAGLIA, J. Ritmo e harmonia na construção.

Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 4, p. 114, abr. 1994) e nos empreendimentos para investimentos da Sra. Malvina Lopes, esposa do então secretário da Receita Federal Osiris Lopes (LOPES, M. Planejando todos os passos. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 3, p. 114, mar. 1994).

25. CHIQUETTA, Antonio A. Alguns Segredos da construção. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 9, n. 7, p. 114, jul. 1993.

26. SANTOS, Osmar. Acertando o pé na construção. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 9, n. 11, p. 114, nov. 1993.

27. SALIM, Wanderlea. Construir é um grande barato. Depoimento. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 5, p. 114, mai. 1994.

28. ORTIZ, Andrea. Compromisso com a natureza. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 10, n. 6, p. 24-35, jun. 1994.

29. BARRERO, V. Tudo para viver bem no alto da serra. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, Abril, ano 13, n. 4, p. 48, abr. 1997.

30. CRUZ, Isabel; OURIVEIS, Maria A. Refúgio no Vale. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, Abril, ano 15, n. 4, p. 55, abr. 1999.

ilustradas. Com enquadramentos fotográficos sempre a valorizar a casa inserida no meio da natureza, a mensagem era única e inequívoca: representar a conquista que aquele modo de vida significava. Em síntese, o espaço construído deveria se integrar o mais possível com o ambiente. Se possível, deveria fazer parte dele, aproveitando as limitações da topografia e a vegetação existente: expressão de um “compromisso com a natureza”.²⁸



Figura 3 - *Arquitetura & Construção*, p. 46, abr. 1997/ p. 52-53, abr. 1999. Fonte: Biblioteca FAU/ PUC GO.

Poderia não ser grande, como a casa construída pelo arquiteto Gil Carvalho para sua mãe, enfermeira aposentada que havia decidido sair de São Paulo e ir para a Serra da Cantareira, a 27 km do centro da cidade e veiculada pela *Arquitetura & Construção* em abril de 1997. Lá, dona Araci podia se deliciar com os macaquinhos se banquetear com cocos e os beija-flores sobrevoando a varanda ou algum tucano descansando numa árvore do quintal.²⁹ Como podemos ver na imagem da reportagem, em primeiro plano, uma pequena ponte de acesso sobre um lago com carpas, elemento eloquente de refúgio a separar dois mundos opostos. Também poderia ser grande para abrigar a família e os convidados frequentes, como a casa construída por um casal carioca para ser o seu esconderijo longe da cidade grande na região serrana de Araras do Rio de Janeiro.³⁰ Para a proprietária, a vida lá era feliz. Até mesmo as atividades cotidianas não representavam

um fardo. Cozinhar, por exemplo, era puro prazer, sem nenhum sinal de obrigação.³¹

Em imagens como a da reportagem “Refúgio no vale” veiculada pela revista em abril de 1999 este desejo de integração com a natureza vai ainda mais longe e passa a fazer parte da composição das páginas, articulando texto e imagem. O enquadramento fotográfico evidencia esta representação de refúgio no vale: o espaço construído ocupa aproximadamente um terço da composição, enquanto o céu e a mata ocupam o restante do espaço. Soma-se a isto a disposição do texto acompanhando o perfil do mato, entre o céu e a silhueta das árvores, acompanhando a topografia. Com composições como esta, a publicação deixava evidente que o mais importante para aquele modo de vida não era tanto a construção em si, mas o espaço natural a circundá-la.

Devido à importância crescente do tema e ao apuro técnico das reportagens e das fotografias, as representações de superação da cidade parecem ter caído no gosto dos leitores. Em todos os números, são frequentes as felicitações pelas reportagens sobre este tema, dizendo em síntese o quanto elas ofereciam o estilo de vida que os mais diversos leitores ansiosamente procuravam. Um fato que parece confirmar a assertiva da *Einfühlung* concebida por Worringer (1997) de que, pelo menos em relação à arquitetura, as pessoas tendiam a buscar o que lhes faltava no contexto social de sua produção: se

a vida era tumultuada, a calma; se ostentatória e opressiva, tendia à simplicidade; e se monótona, à diferenciação. Este fato não passou despercebido aos editores que, principalmente no final da década de 1990, investiram mais fundo na mensagem da casa como realização pessoal e libertação do espaço urbano. Em *Reencontro com o passado*,³² por exemplo, a revista mostrou a realização de um outro sonho: voltar aos tempos da infância. Depois de uma vida inteira como empresário, o arquiteto Carlos Novas comprou uma casa de fazenda que remetia à sua infância.³³ Finalmente, as atribuições da vida da cidade haviam ficado para trás. O mesmo caso da empresária Lilian Garrubbo, que, ao readquirir parte das terras que pertenceram à família décadas atrás, apaixonou-se pelo refúgio a uma hora de São Paulo disposta a viver definitivamente no campo.³⁴ Lá se podia ouvir o balançar das árvores, os cachorros passeavam à vontade e os cavalos eram tratados com zelo.³⁵

Nas imagens veiculadas nas edições de setembro de 1998 e dezembro de 2000, outros dois exemplos eloquentes. No primeiro, a história do engenheiro Fernando Madueño que trocou a próspera vida em São Paulo e Goiânia por um sítio na Serra dos Pirineus, perto de Pirenópolis, no interior de Goiás.³⁶ A composição visual da revista traduzia isto com clareza: de um lado, como num gradiente, as imagens das áreas urbanas de São Paulo, Goiânia e Pirenópolis; de outro lado, a realização do sonho da casa no meio do mato.

31. CRUZ, Isabel; OURIVEIS, Maria A. Refúgio no Vale. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, Abril, ano 15, n. 4, p. 61, abr. 1999.

32. GUROVITZ, Lúcia S. Reencontro com o passado. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 16, n. 6, p. 74-81, jun. 1999.

33. Como no poema Visita à casa paterna de Luis Guimarães Junior (1845-1898), o espaço de morar aparece como o seio materno: a urna da saudade e o sacrário da memória que recebe o filho pródigo. Representação do lugar da família como um ponto de partida e para onde sempre se pode voltar. Sendo refúgio do mundo e em oposição a ele, a casa recebe pela memória do afeto.

34. MEDIAN, E.; BARACUHY, J. Nossa casa é aqui. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 16, n. 4, p. 114-121, abr. 2000.

35. Idem, p. 116.

36. MANFREDINI, A. “Não existe vida melhor”. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 14, n. 9, p. 70-77, set. 1998.

O percurso era claro, indo de uma área mais densamente povoada para uma menos densa. Inversamente, as imagens vão ficando maiores, pequenas e insignificantes para representar São Paulo e Goiânia, ocupando totalmente o espaço da página na casa da família no meio do cerrado. No sítio Vereda de Cristal, nem bem o dia nascia, os passarinhos acordavam os moradores³⁷. Ao anoitecer, como haviam dispensado a energia elétrica, os jantares eram sempre românticos, à luz de velas.³⁸

correndo pela minha janela⁴¹ e da varanda; por detrás da serra, vejo a lua nascer e vagabundear pelo céu,⁴²” escrevia poeticamente nas cartas para apresentar seu “tugúrio”⁴³ aos amigos que haviam ficado na cidade. Imagens que a revista procurava representar com fidedignidade: de um lado, ela vem do pomar com uma cesta de flores, sobre ela a legitimidade do seu relato; do outro lado, a imagem de página inteira da pequena casa imersa na paisagem. Cercada por dalias, hortênsias, jasmims e petúnias, as idas da proprietária na cidade eram cada vez menos frequentes. Afinal, havia sido nas montanhas que ela havia decidido cultivar não só seu jardim, mas também o tempo.⁴⁴ Em síntese, representações como estas mostram uma casa oniricamente completa onde se podem viver os devaneios da intimidade em toda sua variedade.⁴⁵ Como lembrou Bachelard (2003b, p. 92), não é um simples cenário onde a memória real ou imaginária reencontra suas imagens, sendo antes a realização de valores inconscientes que o inconsciente não esquece. Definitivamente a cidade havia sido superada, e a vida podia encontrar seu sentido pleno junto à natureza.

Uma imagem indestrutível

Em seis décadas de publicações dedicadas à arquitetura residencial, esta imagem de se morar junto a natureza permaneceu praticamente inalterada. Ao menos é o que podemos constatar no número 701 de Casa e Jardim, publicada em junho

37. Idem, p. 72.

38. MANFREDINI, A. “Não existe vida melhor”. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 14, n. 9, p. 76, set. 1998.

39. BAVA, C.; LACERDA, M. Uma casa com o sabor do tempo. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, ano 16, n. 12, p. 56-63, dez. 2000.

40. Idem, p. 58.

41. Ibidem, p. 60.

42. Ibidem, p. 62.

43. Ibidem, p.57.

44. Ibidem, p. 62.

45. Decorre daí a importância de temas como as janelas, tão frequentes nas revistas. A janela – e não à janela – dá um sentido de exterioridade ao morador. Uma metáfora do olhar, que para Bachelard (2003b) descortina o real: o jardim, o campo, o céu e o horizonte. Neste entendimento, todas as publicações periódicas que selecionamos neste re-



Figura 4- *Arquitetura & Construção*, set. 1998, p. 70-71/ dez. 2000, p. 56-57. Fonte: Biblioteca FAU/ PUC GO.

corte podem ser compreendidas como “janelas” a ver a realização das pessoas que procuraram retratar.

No outro exemplo, a realização do sonho da historiadora Marina Vaz: depois de muito trabalho e de ver a vida dos seis filhos encaminhada, decidiu viver a plenitude de seus 70 anos entre flores e frutos, nas montanhas de São Francisco Xavier, a 150 km de São Paulo.³⁹ “Do lado de dentro da casa, um grande fogão a lenha aquece a casa e a alma da gente,⁴⁰ em várias manhãs, acordo com a névoa branca que sobe do vale e passa

de 2013. Comemorando seus 60 anos no mercado a revista divulgou o resultado de uma pesquisa sobre o sonho de morar dos brasileiros.⁴⁶

Os ancestrais valores de intimidade, privacidade e refúgio permaneceram também valorizados. 63% dos entrevistados estavam convictas de que a casa era seu “porto seguro” e que nelas sentiam-se reconfortados. Em um país abundante em atrações naturais e lugares para ir, 49% das pessoas preferiam ficar no seu “ninho” nos fins de semana a sair de casa. Complementariamente, as palavras “jardim”, “conforto”, “tranquilidade”, “espaço”, “aconchegante” e “segurança” estão entre as 10 mais citadas. Em resumo: morar bem é ter espaço para andar, plantar, tomar sol, ar puro, menos barulho de carros, sirenes e buzinas, e conhecer os vizinhos pelo nome.⁴⁷

As imagens oferecem esse relato já na capa. Um espaço arquitetônico aberto, a mãe com as crianças em primeiro plano. No enquadramento das grandes esquadrias, o horizonte repleto de matas e céu azul. Na destacada seção “Ninho/ Decoração”, a reportagem de uma edificação numa fazenda que levou ao “pé da letra” as palavras “desapego, orgânico e sustentável”. Na imagem, o retrato da família no campo. Tendo parte da edificação feita com contêineres reaproveitados, a imagem é a da completa harmonia de uma vida junto ao mundo natural. Para o proprietário, um resgate dos valores que aprendera na infância.⁴⁸ Em suas palavras: Colocar as mãos na terra, co-

mer os produtos daqui, colhidos na horta e no pomar. É bom ver as crianças livres indo buscar leite no curral e escalando as pedras das paredes.⁴⁹

Na seção “Deleite/ paisagismo”, vemos o refúgio no campo construído a 200 km da capital paulista onde quase todo fim de semana a proprietária se despede da rotina atribulada e parte em busca de sossego. A paisagem, bucólica e a edificação rústica. Lá, perdia-se a noção do tempo em horas e horas cuidando do jardim, passeando com os cães, podando as plantas, colhendo verduras direto da horta e dando comida às galinhas e patos soltos no terreiro.⁵⁰

Também comemorando seus vinte e seis anos no mercado editorial brasileiro *Arquitetura & Construção* reforçou esta mesma imagem: morar bem no Brasil é morar junto à natureza, dentro da cidade ou, preferencialmente, fora dela. A imagem da capa - uma edificação em um luxuoso condomínio no interior paulista - é a tradução visual destes valores: amplos espaços, enquadramento da paisagem, abertura visual, contato com o jardim e/ou mata existente no terreno ou nas vizinhanças.

Evidentemente distintas das veiculadas em *Casa e Jardim* e sem os rótulos de “ecológica” ou “aproveitável”, as imagens das edificações veiculadas pela revista reforçam sempre os ideais de se morar fora da cidade. Como por exemplo, na reportagem *Encontro nos Trópicos: um refúgio projetado para os proprietários passarem tempo-*

46. Público composto por 82% mulheres pertencentes às classes A e B, com média de idade de 42 anos numa amostra de 2214 pessoas residentes entre as capitais e principais cidades e áreas metropolitanas das cinco regiões do Brasil. In: MELLO, Maria. 10 conclusões sobre morar bem. *Casa e Jardim*, São Paulo, ano 60 n. 701, p. 87, jul. 2013.

47. Idem, p. 92.

48. RAFAEL. In: MELLO, Maria. 10 conclusões sobre morar bem. *Casa e Jardim*, São Paulo, ano 60 n. 701, p. 134, jul. 2013.

49. Idem, p. 138.

50. DURANTE, Stéphanie. Refúgio no Campo. *Casa e Jardim*, São Paulo, ano 60 n. 701, p. 181, jul. 2013.

51. BARACUHY, Joana L. Encontro nos trópicos. *Arquitetura & Construção*. São Paulo, ano 29 n. 10, p. 64.

52. Semióforos: do grego *Semeiophoros*, palavra composta por *semeion* – “sinal” ou “signo”, e *phoros* – “trazer para a frente”, “expor”, “tornar visível”.

53. Como elementos colocados no plano da enunciação é salutar lembrar a distinção entre *espaço*, *campo* e *limite* na imagem, para Schapiro (1982), frequentemente confundidos: por espaço entende-se o contexto físico ou objeto material onde acontece uma representação mediada por uma forma material (uma revista, um edifício ou uma pintura, por exemplo); por campo, entende-se um recorte dentro do espaço destinado à produção da representação (uma página da revista e uma capa são exemplos de campos na representação) e finalmente, por limite, entendem-se os contornos, demarcados explicitamente ou não, que permitem distinguir o campo entre outros no espaço (tais como as moldu-

ras de um enquadramento, a diagramação do texto ou os limites das páginas que são marcas tangíveis ou virtuais dos limites).

54. Como observou Schaeffer (1996, p. 90-91), desempenham funções diversas como ícones indiciais e icônicos: Não se subentende por isso que os dois termos sejam equivalentes: expressam antes o estatuto ambíguo desse signo, definido ora pelo prevalectimento da função indicial, ora pelo prevalectimento da função icônica. Em outras palavras, a imagem fotográfica considerada como construção receptiva não é estável. Tem um número indefinido de estados, cada um caracterizado conforme o ponto que ocupa ao longo de uma linha contínua bipolar que se estende entre o índice e o ícone. Creio que é impossível criar a teoria, tampouco a descrição desses estados que dependem das idiosincrasias dos receptores. Mas, por outro lado, a imagem é geralmente tomada como uma comunicação social com regras.

radas de descanso e receber os amigos. O retrato de uma vida num paraíso tropical em um bangalô onde as paredes são imensos painéis de vidro ou esquadrias de veneziana articulada onde as únicas interferências são a brisa e o barulho que as longas folhas das palmeiras fazem ao balançar.⁵¹ Dificilmente poder-se-ia oferecer uma imagem mais cobiçada pelos leitores que esta.

Evidentemente que rever toda a produção destas publicações está além dos limites deste trabalho. Aqui, importa observar que, do total das reportagens publicadas, apenas 17,28% são de edificações urbanas. Significativos 82,72% são dedicadas às residências na praia, na fazenda, na montanha, ou em sítios afastados das agruras das cidades. Uma proporção temática curiosa, considerando que seu público consumidor sempre foi o público das grandes cidades brasileiras.

Uma proporção que evoca a aspiração do homem com sua habitação no sentido em que são bem mais que apenas “tecnologias visuais”, conforme o entendimento de Mirzoeff (2003). Destinadas ao grande público e, portanto, coletivas, em circulação no corpo social, as imagens ligadas à cultura de morar estão plenas de significados, com consequências presentes e futuras para quem as vê. Constituem-se, portanto, em semióforos⁵² cujo valor não é medido por sua existência, e sim pela força simbólica daquilo que representam: fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (CHAUI, 2000, p.

11-12). Como elemento especificamente concebido para expor e consignar as representações⁵³ dentro do conjunto das revistas, elas articulam o “dar a ver” e o “dado a ver” (SAOUTER, 1998) entre o plano da enunciação, o plano do enunciado e a relação entre os dois.

Evidentemente que as revistas não se reduzem às imagens que veiculam. Estabeleceram uma relação com seu público também através de seções como a de correspondência, editoriais, informativas e de classificados ou endereços de fornecedores e serviços. Revistas como estas almejam não somente serem vistas, mas também serem lidas e colecionadas e fazerem parte da vida de seus leitores. Procuraram fazer parte da vida dos habitantes do espaço construído ao se colocarem como articuladoras de práticas relacionadas à sua existência e de valores socialmente reconhecidos a elas atribuídos.

Como semióforos, as imagens funcionam como o principal dispositivo comunicacional nas revistas: são as imediatas produtoras e articuladoras de sentidos e significados⁵⁴, desencadeando pelo contato visual um patrimônio afetivo e imaginário junto ao leitor. Colocam os elementos do real no plano do imaginário e tornam o imaginário real ao se tornarem visíveis na imagem, ao mesmo tempo em que articulam as mais variadas representações, tais como as da família, da cidade, da vida privada e da natureza, como tivemos a oportunidade de verificar.

Com a construção/difusão de lugares imaginais, estas publicações conseguiram – e vale lembrar que isto representou uma ação conjunta não coordenada entre si – operar no campo da heteronomia. Imersas no universo da indústria cultural, suas atuações enfatizam seus limites, e em oposição à imposição, favoreceram a adesão mediante os mecanismos da sedução. Vale lembrar que, como fabricação coletiva, estes lugares se destinavam a apropriações individuais. Com isto, como observou Juremir Machado da Silva (2006, p. 100), colocando-se num dos pontos da conexão do rizoma imaginal/imaginário/imaginante, estes periódicos puseram em ação as engrenagem de uma ação intensamente emocional perceptiva, cabendo-lhes, antes de tudo, entrar em sintonia com seu público, fazendo-se ecoar ao mesmo tempo em que colocavam em ebulição os imaginários oriundos dos desejos sociais ou individuais de seu tempo.

Desta forma, as representações da cultura de morar nos periódicos que selecionamos aparecem, com a dimensão atribuída por Stuart Hall (1997, p. 15-46; 2000, p. 103-133), como práticas discursivas capazes de constituir práticas sociais e não apenas como algo cuja finalidade é sua descrição.

Colocadas no horizonte de expectativas, e portanto, no plano temporal do futuro, a representação de lugares ideais de moradia nestas revistas inscreveu estas imagens como projetos que carregavam conceitos a serem concretizados

pela oportunidade da realização de cada espaço arquitetônico. E como conceito, não se resumia apenas à elaboração mental preliminar totalmente absorvida pelo projeto arquitetônico e instrumento de realização da obra.

Com a criação destes conceitos ideais de moradia, identificamos ao longo deste estudo que estas publicações se tornaram agentes de um processo urbano: como fonte de inspiração, colocava-se a realização do espaço arquitetônico como mediadora entre os profissionais responsáveis por sua execução e o público que suspirava por elas. Com isto, tornavam-se um dos elementos responsáveis para que a sociedade fosse continuamente outra, fazendo-se outra: ao imaginar-se, inventava-se (CASTORIADIS, 1982).

Veiculando conceitos fecundos à criação de outros projetos, tanto *Casa e Jardim* quanto *Casa Cláudia e Arquitetura & Construção* nunca tenderam tecer um discurso de veracidade, e sim encontrar ressonâncias. Com isto, carregaram no conjunto de suas atuações, cada uma à sua maneira, uma carga semântica própria que nunca estava aprioristicamente, completamente dada, mas em contínua construção.

Para os leitores interessados em construção, o que permitia – e ainda permite - a realização de suas aspirações era o continuado e sempre renovado exercício de percepção no mundo mediante a associação dos dados do mundo. Pelo menos

em relação ao “mundo” do espaço de morar, este sempre foi um dos objetivos comuns a todas estas publicações no Brasil: disponibilizar ao seu público um conjunto de dados. Uma cultura de morar interiorizada como transição de atividades sociais produzindo, como vimos, um intrincado sistema de relações de onde derivam um conjunto de linguagens, imaginários e valores, depósito de conhecimentos e capacidades articuladas à ação (ARÓSTEGUI, 2004, P. 333). Tornaram-se, em conjunto, dispositivos destinados a eternizar e (re)produzir aparências (MILNER, 2010): ideia que é bem mais potente do que simplesmente a fabricação. Como a máquina fantástica de Morel de Bioy Casares, criava-se um aparato a completar o mundo imaginário, possibilitando a ele tornar-se real implicando a transformação da matéria – no caso o real representado pela arquitetura – em conteúdos temáticos sensíveis, e destes em (re)construções ideais deste real. Para Casares (2006, p. 101), a eternidade rotativa deste ponto de vista pode parecer atroz aos espectadores, mas parece ser bastante satisfatória para seus protagonistas.

Ver a produção destas revistas como uma expressão alienante ou alienada de uma *politesse* de um segmento da sociedade de consumo pós-industrial certamente é mais fácil. Tão fácil quanto raso. A criação de conceitos ideais de morar mediante as representações nestes periódicos – e com ele todo um conjunto de valores relativos ao mundo de sua época, incluindo aí o espaço

urbano da cidade e o espaço privado da casa, e as maneiras de se viver neles ou a partir deles – apenas evidencia que voltar o relógio da história não é apenas impossível, mas também que aquelas posições anteriores ideais nunca existiram. Trata-se de ilusões. Miragens que germinaram ao longo de décadas insinuadas como protestos em papel e tinta: entre os desejos de se viver com as facilidades propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico e o acesso aos bens de consumo e as dificuldades que o crescimento desordenado das grandes cidades impôs aos seus habitantes no final do século XX. As saudades da vida no campo de um passado recente e os desejos de viver bem nas metrópoles contemporâneas são a expressão de uma geração que não acreditava na redenção do espaço urbano. Como viver olhando para o futuro num país dotado de um patrimônio natural visto como paradisíaco em cidades feitas de muros e grades que impunham democraticamente uma lógica fundada na distância, na vigilância e no medo? Como viver bem e usufruir dos bens da civilização num tempo em que as únicas certezas eram as de que estas mesmas certezas não existiam? A própria ideia valiosa de progresso – como observou Pesavento (1995, p. 24), uma abstração conceitual da realidade empírica típica do século XIX – havia evaporado. Para Bauman (2009, p. 52), uma ideia que antes era uma manifestação extrema de otimismo radical e promessa de felicidade duradoura e universalmente compartilhada, resultou no contrário do que prometia.

O amor do público urbano consumidor das revistas dedicadas à cultura de morar no final do século XX no Brasil é aquele que somente poderia ter nascido em quem vivia nas cidades, imerso em suas dificuldades, suas maravilhas e suas contradições. Somente como partícipe da cidade, podia-se ser estranho a ela. Somente dentro de suas barreiras, podiam ser construídas as casas dos sonhos.

Referências

ALENCAR, Maria Amélia Garcia. “A (Re)descoberta do sertão”. In: **Estudos – Humanidades**, Goiânia, v. 27, n. 02, p. 241-270, abr./jun. 2000.

ARÓSTEGUI, Julio. **La Historia vivida**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

BACAL, Sarah S. **Lazer: teoria e pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Marcovaldo ou as Estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASARES, Bioy. **A invenção de morel**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel. de; GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. In: **Educação e Realidade**, vol. 22, n. 2, jul/dez de 1997, p. 15-46.

LENOBLE, Robert. **História da ideia da natureza**. Lisboa: Edições 70, 1990.

MAFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Argos, 2001.

MILNER, Max. **Le Thème du Simulacre dans l’Invention de Morel d’Adolfo Bioy Casares**. Disponível em: <<http://centre-bachelard.u-bourgogne.fr/Z-milner.pdf>> . Acesso em: 12 set 2010.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

QUINET, Antonio. **Um olhar a mais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SAOUTER, Catherine. **Le langage visual**. Montreal: XYZ, 1998.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A Imagem Precária**. Campinas: Papyrus, 1996.

SCHAPIRO, Meyer. “Sur quelques problèmes de sémiotique de l’art visuel : champ et véhicule dans les signes iconiques”. In: **Style, artiste et société**. Paris: Gallimard, 1982.

SILVA, Gislene. **O Sonho da casa de campo. Jornalismo e imaginário de leitores urbanos**. Florianópolis: Insular, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORRINGER, Wilhelm. **Abstraction And Empathy**. New York: Rowman & Littlefield, 1997.

